



---

## Narrativa (auto)biográfica de crianças: questões éticas, epistemológicas e metodológicas

Érica Renata Clemente Rodrigues\*, Elizeu Clementino de Souza\*\* e Patrícia Julia Souza Coelho\*\*\*

### Resumo

Este artigo lança luz sobre desafios, avanços e achados da pesquisa *com* crianças, e não sobre elas. Objetiva ponderar aspectos metodológicos, epistemológicos e éticos da pesquisa *com* crianças, considerando suas narrativas (auto)biográficas. O texto baseia-se em uma revisão bibliográfica, e trechos da pesquisa de campo da tese de doutorado *Narrativas (auto)biográficas de crianças sobre escola rural*, em andamento. As discussões, e resultados apontam o crescimento de investigações que validam narrativas de crianças, considerando-as autoras e narradoras confiáveis a serem ouvidas em pesquisas. No entanto, para que a visibilidade e autoria das crianças seja garantida é necessário todo um cuidado ético, epistemológico e metodológico na construção, condução, divulgação e devolução do material pesquisa a sociedade. Esses desafios precisam ser ponderados sensivelmente em cada contexto para não comprometer eticamente a segurança das crianças, e ao mesmo tempo não as negar o direito de existir, narrar e se formar nesse processo.

**Palavras-chave:** narrativas de crianças; epistemologia; metodologia.

**Children's (auto)biographical narratives:** ethical, epistemological, and methodological issues

### Abstract

This article sheds light on the challenges, advancements, and findings of research with children, rather than about them. It aims to reflect on the methodological, epistemological, and ethical aspects of research with children, considering their (auto)biographical narratives. The text is based on a literature review and excerpts from the field research of the ongoing doctoral thesis *(Auto)biographical Narratives of Children about Rural Schools*. The discussions and results point to the growth of investigations that validate children's narratives, recognizing them as reliable authors and narrators to be heard in research. However, for children's visibility and authorship to be guaranteed, a great deal of ethical, epistemological, and methodological care is required in the construction, conduction, dissemination, and return of the research material to society. These challenges need to be carefully considered in each context to ensure that children's safety is not ethically compromised, while also not denying them the right to exist, narrate, and develop within this process.

**Keywords:** children's narratives; epistemology; methodology.

## Narrativa (auto)biográfica de niños: cuestiones éticas, epistemológicas y metodológicas

### Resumen

Este artículo arroja luz sobre los retos, avances y hallazgos de la investigación con niños, y no sobre ellos. Su objetivo es reflexionar sobre los aspectos metodológicos, epistemológicos y éticos de la investigación con niños, teniendo

---

\* Doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa (Auto)biográfica, Formação e História Oral (GRAFO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1359-152X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4469358377612072>. E-mail: ericarcrs@gmail.com.

\*\*Pós-doutorado/Estágio Sênior na Universidade de Paris 13-França. Doutorado Sanduíche na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação/Universidade de Lisboa (ULISBOA). Pró-reitor de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação (PPG/UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4145-1460>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3968241717391173>. E-mail: esclmentino@uol.com.br.

\*\*\* Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) da UNEB. Pesquisadora dos Grupos de Pesquisas Grupo de Pesquisa (Auto)biográfica, Formação e História Oral (GRAFO) e Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS) da UNEB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0299-1448>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5675792180353320>. E-mail: pscoelho@uneb.br.

en cuenta sus narrativas (auto)biográficas. El texto se basa en una revisión bibliográfica y en extractos de la investigación de campo de la tesis doctoral Narrativas (auto)biográficas de niños sobre la escuela rural, actualmente en curso. Las discusiones y los resultados apuntan al crecimiento de investigaciones que validan las narrativas de los niños, considerándolos autores y narradores fiables a los que hay que escuchar en las investigaciones. Sin embargo, para garantizar la visibilidad y la autoría de los niños, es necesario tener mucho cuidado ético, epistemológico y metodológico en la construcción, conducción, divulgación y devolución del material de investigación a la sociedad. Estos desafíos deben ser considerados con sensibilidad en cada contexto para no comprometer éticamente la seguridad de los niños y, al mismo tiempo, no negarles el derecho a existir, narrar y formarse en este proceso.

**Palabras clave:** narraciones infantiles; epistemología; metodología.

## **INTRODUÇÃO**

Desafios, avanços e achados das pesquisas com crianças mobilizam a construção desse artigo, que tem como objetivo ponderar aspectos metodológicos, epistemológicos e éticos da pesquisa com crianças, considerando suas narrativas (auto)biográficas, seus modos de viver e ser no mundo.

O debate decorre da tese em andamento *Narrativas (auto)biográficas de crianças em escola rural de Mossoró/RN*, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Tem relevância ao visibilizar e ampliar o debate sobre cuidados e sensibilidade necessária no trato e condução das pesquisas com crianças, considerando as diferentes nuances desse tipo de pesquisa, como caráter de ludicidade, flexibilidade, imprevisibilidade, e seus possíveis desdobramentos.

A curiosidade genuína da criança a impulsiona a descobrir o mundo por si mesma, a experienciá-lo e descrevê-lo do seu jeito, sendo capaz de narrar, desde cedo, como sente e percebe as vivências, a partir do repertório social que constrói nas interações sociais com seus pares. Entre os pesquisadores que estudam a infância, é consenso que as investigações sobre a centralidade da criança como sujeito de direitos é um campo extremamente novo.

Os estudos de Passeggi *et al.* (2014, 2018), Furlanetto, Passeggi e Biasoli (2020), Coelho (2019), Kramer (2002), Sarmento (2005, 2011, 2013), Rodrigues (2024) apontam que pesquisas que garantam compreender a criança em uma inteireza de seu pensamento, movimentos, ação e emoção, “reconhecendo suas formas de ver e representar o mundo da vida como modos legítimos que assegurem processos de investigação científica” Passeggi *et al.* (2018, p. 45) são novas e necessárias.

Nesse sentido, tais pesquisas ambicionam contribuir, por um lado, para ampliar o repertório de práticas de investigação e de análise da “voz da criança” e, por outro lado, para o debate acerca

[...] da práxis pedagógica com vista à formação de professores da infância e à construção e legitimação de políticas públicas para instituições de acolhimento da criança, de modo que assegurem o seu direito na definição de tais políticas e decisões para o seu acolhimento nas instituições à ela destinadas (Passeggi *et al.* 2018, p. 47).

O propósito desse tipo de pesquisa é partilhar modos de abordagem e de interpretação, ancorados em princípios e métodos da pesquisa (auto)biográfica em Educação, com entradas na sociologia da infância, psicologia e/ou diferentes áreas que nos ajudem a entender criança e infância em sua inteireza, multiplicidade e especificidades.

## **METODOLOGIA**

As pesquisas (auto)biográficas adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha. Para contextualizar o nascimento desse artigo, se faz profícuo apresentar sinteticamente nosso trabalho doutoral, pois esse texto é parte dos empreendimentos e estudos que temos feito para tecer e refletir o doutoramento em educação e contemporaneidade.

Nesse sentido, a partir de nossas experiências nos dispomos a construir, no doutoramento, uma metodologia que visibilizasse as narrativas das crianças. A escolha desse campo para estudos se deu por nossa proximidade com o ambiente, que é também local de trabalho, onde iniciamos a carreira docente no ano de 2015, experiência narrada em textos anteriores, como (Rodrigues, 2024). Portanto, lugar de aprendizagem sobre ser professora rural, e de interesse na potencialidade das narrativas das crianças sobre suas vidas, e seus modos de ser no mundo.

Para apreensão das narrativas, trabalhamos com quatro rodas de conversa, com dez (10) crianças, matriculadas em uma turma multisseriada de 4º/5º ano de uma escola municipal da zona rural de Mossoró/RN. A ideia de trabalhar com crianças dessa turma se dá por dois motivos principais, sua faixa etária pouco pesquisada – haja os trabalhos com crianças privilegiam a primeira infância, essas crianças possuem entre nove e doze anos de idade, e em segundo lugar por essas crianças possuírem uma vivência/trajetória desde a educação infantil, na mesma escola.

As rodas de conversa foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Durante as rodas, colocamos à disposição das crianças recursos lúdicos e de registro, como papel, lápis de cor, e dois fantoches. A intenção é refletir, a partir de suas vozes, sobre as vivências das crianças com a escola no interior do RN.

Para condução das rodas de conversa temos como inspiração o protocolo<sup>1</sup> criado e utilizado por Passeggi *et al.* (2014), e seu grupo de pesquisa que caminham principalmente para temática de adoecimento infantil e classe hospitalar – replicado e adaptado por outras pesquisadoras como Coelho (2019) e Barbosa (2020) com crianças em escola rural. O protocolo consistiu em criar um fantoche para iniciar o contato com as crianças, tendo como ideia que elas crianças narrem suas vivências com a escola para o fantoche, levando em conta que no mundo onde o fantoche vive não há escolas.

Diante das discussões travadas sobre a temática, este artigo tem sua relevância ao propor investigação de narrativas de crianças, por vezes silenciadas, sobre si mesmas, suas infâncias, aprendizagens, com questões inerentes a condução da pesquisa com fatores éticos, epistemológicos e metodológicos.

Nesse sentido, o artigo se propõe de modo inicial e sintético, explorar teoricamente a importância de tais pesquisas para visibilidade das falas das crianças, suas potencialidades, sua capacidade de narrar, e de se deslocar como sujeito e objeto nas narrativas. Não intencionamos nesse texto análise das narrativas das crianças, mas sim reflexões sobre o processo de colheita, condução, construção e divulgação desse material. Certamente, a tese em construção de Rodrigues (2024) tem se constituído um espaço de reconhecimento e compreensão das narrativas infantis no contexto da roça, quiçá espaço para ampliarmos debate e divulgação de pesquisas que as valorizam.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Considerando os sujeitos desta pesquisa, os povos da roça e as crianças que estudam em salas de aula multisseriadas, também têm direito de ter suas histórias narradas, registradas e valorizadas, o que as levará a sair da margem, de um lugar menos valorizado, menos visto. Esperamos, portanto, contribuir com as discussões e desenvolvimento de políticas

---

<sup>1</sup> O protocolo criado por Passeggi *et al.* (2014) teve como inspiração o projeto “Raconter l’école en cours de scolarisation” [Falar sobre a escola durante a escolarização], coordenado por Martine Lani-Bayle, pesquisadora da Université de Nantes, do qual participam colegas de mais quatro países e ao qual o projeto de Passeggi *et al.* (2014) se vincula.

públicas e educacionais para a valorização das infâncias, em suas diversidades e singularidades.

A partir dos anos 1980, a crise dos grandes paradigmas, notadamente do estruturalismo e do behaviorismo, que haviam expulsado o sujeito do seu campo de investigação, abriu novos horizontes para o “retorno do sujeito”, que reaparece sob múltiplas faces: a de autor, narrador, ator, agente social e personagem de sua história. “Essa mudança, que se convencionou denominar de “giro linguístico” ou “giro discursivo”, está alicerçada numa inversão das relações entre pensamento/cognição e linguagem” (Passeggi; Souza, 2017, p. 9).

De acordo com os autores citados, é dentro dessa infinita variedade linguística que a pesquisa (auto)biográficas opera um recorte. Seu interesse recai especificamente sobre as narrativas autobiográficas, que se enraízam nessa atitude fundamental do ser humano “[...] que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência” (Passeggi; Souza, 2017, p. 9), para contar a história de sua vida, a história de uma experiência, a história de um momento qualquer.

Por que, então, privilegiar as narrativas de crianças sobre suas vidas, sobre como se veem e como visualizam a escola, como meio de pesquisa e objeto de estudo? Além das razões enunciadas, outros dois argumentos são utilizados por Passeggi *et al.* (2014), em primeiro lugar, “porque levamos a sério o esforço que elas fazem para compreender e explicar o que sentem, desejam ou não desejam”. Além disso, ao considerar as narrativas de crianças como objeto de estudo, retomamos uma tradição de pesquisa iniciada por Bruner, no âmbito da Psicologia Cultural, que nos revela as potencialidades heurísticas da reflexão das próprias crianças sobre elas mesmas, o que faz dessas narrativas o material mais adequado para compreender a infância (Passeggi *et al.*, 2014, p. 82).

Esse esforço humano de reflexividade autobiográfica torna as narrativas produzidas pela criança, acerca de suas experiências, um objeto de estudo precioso para o acesso às construções que elas fazem a respeito do que vivem na escola.

Com efeito, uma primeira aproximação da reflexividade narrativa concerne esse desdobrar-se que credito a uma disposição humana e que acontece no ato singular de narrar e de refletir sobre experiências vividas. Segundo Passeggi (2021), a reflexividade narrativa está, portanto, estreitamente vinculada às noções de autobiografização, de biografização e de

heterobiografização, enquanto atividades que o humano desenvolve ao longo da vida e em todas as circunstâncias da vida.

O quadro teórico e metodológico da pesquisa narrativa e reflexividade autobiográfica na infância, admitindo que, pela reflexividade autobiográfica, a criança dota-se da possibilidade de se desdobrar tanto como espectador quanto como personagem do evento narrado, “como pensador e como objeto pensado; enfim, como objeto de reflexão e como ser reflexivo” (Passeggi *et al.* 2018, p. 51).

Essa relação dialógica entre o ser e a representação de si, que se realiza pela reflexividade autobiográfica, confere à criança, adolescente ou adulto “[...] um modo próprio de existência, pela probabilidade de voltar-se sobre si mesmo para explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re) elaborar a experiência vivida, com a ajuda da linguagem em suas mais diversas grafias” (Passeggi *et al.* 2018, p. 51).

A autobiografia é uma ciência jovem, alimentada por uma ampla tradição hermenêutica e fenomenológica. A pesquisa biográfica estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos. Nesse sentido, a “biografização” atua como elemento central do ponto de vista teórico e epistemológico, pois se admite como princípio que o “[...] humano apreende e vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida” (Delory-Momberger, 2012, p. 52).

Nessa perspectiva, Passeggi *et al.* (2018) entendem como hipótese que a consciência de si emerge na atividade de biografização, no momento mesmo em que a criança conta o que lhe acontece. Esse processo “[...] de conhecimento de si mediante o ato de narrar” (Passeggi *et al.*, 2018, p. 53) foi um dos argumentos utilizado pelas pesquisadoras para formular riscos e benefícios da pesquisa para as crianças que participaram do projeto, como parte da preocupação com a ética na pesquisa.

“Detectamos em nossos estudos que o diálogo com as novas gerações é prejudicado por uma percepção da infância construída em torno do que a criança “ainda” não possui, ou não sabe, em torno de sua “imaturidade”. Essa visão dificulta o diálogo e a reflexão pelo que a criança “já” possui. “Apesar de se observar cada vez mais as habilidades da criança desde o seu segundo ano de vida com o mundo digital, custa reconhecer [...] que a criança pequena tem experiências e que é capaz de refletir sobre elas” (Passeggi *et al.*, 2018, p. 70). Esta é uma das

principais conclusões das autoras e motivação a continuar a fazer da narrativa objeto de estudo e instrumento potencialmente rico para os estudos da criança e das escolas da infância.

Por essa razão, a narrativa se tornou uma ferramenta valiosa para a coleta de dados, pois estimulava a reflexividade da criança ao contar o que acontecia, e o que lhe acontecia. Nesse processo, as crianças tinham a chance de atribuir significados à vida, por meio de uma reflexão conjunta com seus colegas, o(a) pesquisador(a) e o pequeno alienígena, o que poderia favorecer uma transformação de suas percepções sobre a cultura escolar e sobre si mesmas. (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020).

Epistêmica e metodologicamente é necessário haver mudanças nos modos de pesquisar. Luciane de Conti (2018), por exemplo, narra de forma delicada e clara sua iniciação, no ano de 2011, em pesquisas narrativas com crianças. A autora relata que a proposta de pesquisa se mostrou e ainda se mostra desafiadora, pois exige “rupturas em nossas formas de pensar, de organizar nossos percursos investigativos, de analisar nossos ‘dados’, de ser e estar como pesquisadores/pesquisadoras...” (De Conti, 2018, p. 697).

Foi preciso, segundo a autora, uma passagem de pesquisar sobre a criança “e tudo que decorre dessa postura como: interpretar por ela, falar por ela, refletir por ela para pesquisar com a criança” (De Conti, 2018, p. 697). Entendemos, pois, que a postura de pesquisar com a criança é experiência complexa, haja vista nossas formações iniciais continuadas e atuações, por vezes ancoradas em estrutura positivista e hierárquica dos saberes.

Reflexão importante e instigadora levantada pela autora é pensar como a vivência se configura, a partir do sentir e olhar da criança, tendo em vista que na infância “o tempo do viver (instante de ver) é tão intenso – [...] tudo é ‘novo’ para ela –, que a articulação entre este tempo e o tempo da experiência (tempo de elaborar e de compreender) pode ser “curto”” (De Conti, 2018, p. 700). No entanto, embora “curtas”, as narrativas infantis trazem extensões máximas de vida.

A pesquisadora delineou uma metodologia propiciadora da construção das narrativas de si disposta de ferramentas metodológicas que possibilitaram escutar as vozes das crianças em sua singularidade, reconhecendo-as e as respeitando como sujeitos de direitos.

Seguindo nas pesquisas com crianças, apresentamos dois outros argumentos que sustentam teórica e eticamente a escuta da criança, e nos impulsionam a seguir desenvolvendo pesquisas com crianças e não sobre crianças.

A primeira resulta da convicção de que o olhar da criança nos permitiria diversificar a visão de uma paisagem já estabelecida no cenário educacional no Brasil. Esse olhar pouco estudado ofereceria uma compreensão das demandas escolares na sociedade atual brasileira e das relações estabelecidas pela criança com a escola. A segunda perspectiva emana da própria Constituição Federal (Brasil, 1988) e de marcos legais, incluindo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que permitem situar a criança e o adolescente como sujeitos de direito, assegurando-lhe, mediante as políticas públicas, “absoluta prioridade” no seu atendimento. Tais marcos inauguram uma nova narrativa jurídica, que impôs a necessidade de criação de espaços em que suas vozes e suas ações devem ter lugar, destacando o seu protagonismo nas esferas sociais e políticas, que lhes dizem respeito (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p. 17).

Concordamos com as autoras ao entender que para inserir a palavra das crianças socialmente é necessário que a pesquisa educacional “tome como objeto de estudo a capacidade de reflexão que emerge na infância, enquanto ‘marca do humano’, e problematize suas repercussões para (re)pensar o papel das escolas da infância nas sociedades contemporâneas” (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p. 17).

Para isso, as autoras apontam ser necessário não apenas ouvir a criança, mas sobretudo dar visibilidade às vozes das novas gerações dos atores sociais que ingressam na escola. Como tem sido mencionado neste texto, esses são aspectos ainda pouco considerados na formulação das políticas públicas para a infância e, também de políticas de formação de professores. “De maneira geral, essa mirada política para infância tende a considerar como interlocutores apenas os adultos, deixando crianças e adolescentes à margem dessa interlocução” (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p. 18).

Desta feita, as autoras argumentam que para validar a palavra da criança é preciso, primeiramente, ouvi-la. Do ponto de vista da epistemologia da pesquisa, para tomar suas narrativas como instrumento de pesquisa,

[...] levamos em conta a reflexividade da criança participante e a reflexividade de quem pesquisava, e que se produzia nas situações de interação social, levando em conta a interação entre pares, com quem pesquisa e com o pequeno extraterrestre. O recurso das narrativas que focalizassem a percepção da criança sobre a cultura escolar foi assim considerado como um instrumento privilegiado. (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p.19-20).

Com base nessa perspectiva heurística da narrativa, as investigações indicam que, ao relatar o que ocorre nos espaços de acolhimento — seja na escola, no hospital ou na família

—, a criança desenvolve um entendimento mais profundo sobre o mundo ao seu redor e sobre sua própria identidade.

Desta feita, visibilizar as crianças nos processos educativos e nas pesquisas configurasse como algo fundamental nesses movimentos investigativos e formativos, possibilitando reconhecê-las como protagonistas, a fim de oportunizar a esses sujeitos a construção de sentidos às experiências vivenciadas nos diferentes contextos em que estão inseridas.

Nesse contexto, as narrativas, quando analisadas sob a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, são fundamentais para entender: a forma como as crianças se percebem; os significados que atribuem às experiências vividas em seu ambiente sociocultural; e de que modo as práticas educativas oferecidas se conectam com suas expectativas e anseios.

Em contextos rurais, é importante ouvir sensivelmente o que as crianças têm a dizer sobre o seu modo de ser/viver as suas infâncias, a fim de que as propostas pedagógicas se articulem com a sua realidade e ampliem seus conhecimentos. Além disso, deve-se destacar a importância do brincar para a criança, pois na medida em que ela brinca e narra a brincadeira, comunica sua experiência, situa-se no ambiente, interage com outras crianças, aprende e ensina a brincar. Assim, a criança constitui suas próprias narrativas e é constituída por elas (Coelho; Souza, 2018).

Pesquisar, conceber, formar e atuar nessa perspectiva não é simples. Os autores que o fizeram apontam ser necessário revisitar e assumir novas posturas de investigação sobre as crianças pequenas. Diante disso, é emergente, nos processos de investigação-formação envolvendo crianças, ressignificar a concepção determinista de sua socialização, vinculada tradicionalmente pela Sociologia, bem como construir ações formativas que respeitem as histórias, aprendizagens e modos como narram as crianças suas histórias e suas aprendizagens ao longo da vida (Coelho; Souza, 2018).

Quanto as questões éticas na pesquisa com crianças, inferirmos que por se tratar de um campo novo, os debates também são iniciais, há ausências e poucas produções sobre o assunto, posições diferentes sobre os limites e desafios da ética. Trazemos brevemente três elementos que consideramos centrais tratados por Fernandes (2016) e Kramer (2002) os quais detectamos nas entrelinhas ou contexto de pesquisas de doutorado, mestrado, artigos

científicos, na partilha de experiências com colegas pesquisadores da infância, e em participações em congressos científicos da área estudada.

A saber, as questões do poder – as relações de pesquisa com crianças exigem atenção às dinâmicas de poder entre adultos e crianças, que não devem ser naturalizadas. A tradicional hierarquia, onde o adulto é visto como detentor de maior conhecimento e autoridade, pode comprometer a ética da investigação quando o poder é usado como controle para alcançar objetivos científicos. A sociologia da infância questiona essas relações assimétricas, defendendo abordagens mais horizontais que respeitem as crianças como atores sociais. Christensen (2004) destaca que o poder é intrínseco à prática investigativa e não reside apenas em categorias geracionais, mas nas representações sociais que moldam as interações. Inspirada por Foucault (2002), essa perspectiva enfatiza que o poder se manifesta nas relações e exige do pesquisador adulto uma postura reflexiva para garantir a participação livre e consciente da criança.

A noção de imaturidade, vista não como fraqueza, mas como potencial, reforça a ideia de que tanto adultos quanto crianças são seres em construção. Ao reconhecer a complexidade, a incompletude e a incerteza do processo investigativo, rompe-se com dicotomias como “pesquisador poderoso” versus “participante vulnerável” ou “adulto competente” versus “criança incompetente”. Os pesquisadores não possuem todas as respostas e, portanto, dependem das informações e perspectivas únicas das crianças, que só podem emergir por meio de suas vozes e ações. Criar espaços e tempos para essa expressão, valorizando processos dialógicos e subjetividades emergentes, representa um caminho ético para transformar a pesquisa em uma construção compartilhada, onde regras rígidas cedem lugar à negociação e ao reconhecimento da criança como sujeito.

*Hierarquias protocolares e a (in)visibilidade epistemológica das crianças na pesquisa* – destaca que a ética em pesquisas com crianças vai além de uma simples formalidade ou da gestão de riscos. Ela deve ser vista de forma mais ampla, abrangendo três aspectos: o regulatório, o institucional e o pessoal. No primeiro, estão os códigos e normas éticas, que, embora cada vez mais detalhados, têm sido fortemente influenciados pela ética biomédica. No segundo, as instituições e comitês de ética desempenham um papel fundamental, mas correm o risco de tornar todo o processo burocrático, focando excessivamente na gestão de riscos formais, em vez de reconhecer a verdadeira contribuição

que as crianças podem oferecer, especialmente no que diz respeito ao valor do conhecimento gerado pela sua participação. Por fim, no nível pessoal, o pesquisador é essencial, pois muitos desafios éticos surgem durante a interação direta com as crianças, exigindo decisões sensíveis e adaptadas a cada contexto. É fundamental que esses três níveis sejam harmonizados, evitando que as hierarquias protocolares invisibilizem as crianças enquanto sujeitos de conhecimento. Nesse sentido, é necessário adotar uma visão de infância que reconheça as crianças como participantes ativas, assegurando que a pesquisa não se limite a um processo institucional, mas que realmente contribua para a construção do saber.

*Entre a autoria da criança e a autoria do adulto* – Segundo Fernandes (2016) na pesquisa com crianças essa é, sem dúvida, a dimensão menos considerada e discutida. A esse propósito, a autora cita, Kramer (2002, p. 42) refere que:

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção.

Nesse trecho do artigo, Fernandes (2016) traz colaborações de Spyrou (2011), Komulainen (2007) que se baseia em Bakhtin, entre outros autores, e ressalta que as vozes não são algo isolado, mas sempre inseridas em contextos sociais. No caso da pesquisa com crianças, é fundamental questionar as questões de autoridade e autoria. Nesse sentido, muitas vezes, as palavras das crianças, embora pareçam genuínas em relatórios, podem ser selecionadas e organizadas pelos pesquisadores para apoiar um argumento, refletindo mais a perspectiva do adulto do que a da própria criança. Isso pode revelar um desequilíbrio de poder, pois são os adultos que escrevem os textos e, portanto, controlam como as vozes infantis são apresentadas no texto. Assim, Komulainen (2007) destaca a importância de ser cuidadoso e ético ao utilizar essas vozes, levando em conta os elementos que as influenciam, como os pressupostos sobre as crianças, as escolhas de linguagem e os contextos institucionais, para evitar distorções e esconder a verdadeira autoria infantil.

Spyrou (2011) contribui para essa reflexão, afirmando que, embora a “voz” das crianças tenha sido amplamente valorizada tanto do ponto de vista metodológico quanto ético, falta uma análise crítica sobre as questões de representação. O autor levanta questionamentos

que nos parecem pertinentes para, criticamente, considerar a questão da autoria no texto científico.

Uma delas questiona o tipo de enquadramentos e categorias que o pesquisador aplica na análise das vozes das crianças, ou seja, “se os pesquisadores tentam enquadrar dentro de suas categorias semânticas os dados recolhidos para atribuir sentido ao que as crianças lhes contam, ou se, pelo contrário, há espaço para que a semântica da criança emerja” (Spyrou, 2011, p. 158). Se tal não acontecer, se a semântica do adulto se sobrepuiser à semântica da criança, tudo aquilo que a criança diz pode ser utilizado ao serviço do que o adulto entende ser o que a criança quis dizer (Spyrou, *apud* Fernandes, 2016, p. 774).

Assim, Komulainen, Spyrou e Fernandes defendem que a voz das crianças deve ser entendida dentro do contexto cultural em que se dá e mantida em sua forma mais autêntica, para que a autoria adulta não apague e/ou distorça o conhecimento genuíno produzido pelas crianças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos anos 1990, diversos estudos trouxeram para o centro do debate a palavra de crianças concretas, seus modos de ser, de ver, suas emoções, tensões e mostram que elas são capazes de se desdobrar como seres reflexivos e objeto de sua reflexão (Kramer, 2002; Kramer 2006; Araújo, 2009, Sarmento, 2003, 2005, 2011; Passeggi *et al.*, 2018; De Conti, 2018; Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020). Nesse sentido, o que se vê é uma (r)evolução que vem operando “a passagem da representação da criança como ser incompleto e imperfeito, que a tornava ‘invisível’, para aquela de autor-narrador-agente social suscetível de inserir sua palavra no discurso social e político” (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p. 19).

Este estudo teve como objetivo explorar as implicações éticas, epistemológicas e metodológicas envolvidas na pesquisa com crianças, sublinhando a importância de ouvir suas narrativas (auto)biográficas de maneira sensível e respeitosa. Partindo da premissa de que as crianças são sujeitos de direitos e não meros objetos de estudo, buscamos evidenciar tanto os desafios enfrentados pelos pesquisadores ao lidar com as vozes infantis quanto as possibilidades que essas narrativas oferecem para o avanço do conhecimento.

Ao longo deste trabalho, investigamos como as histórias das crianças podem não só refletir suas vivências no ambiente escolar, mas também suas percepções sobre o mundo em que vivem. Essa abordagem questiona as práticas de pesquisa tradicionais e propõe uma nova

visão sobre o papel das crianças nas pesquisas científicas, destacando sua capacidade de autorreflexão e de ação.

Em resposta ao objetivo principal deste artigo, concluímos que, para garantir a visibilidade das vozes infantis, os pesquisadores devem adotar uma postura ética que respeite a autonomia das crianças, permitindo-lhes se expressar de forma genuína, sem impor interpretações adultas. Isso exige uma revisão das relações de poder convencionais entre pesquisadores e participantes, adotando uma abordagem mais horizontal que valorize as experiências e conhecimentos das crianças.

A pesquisa com crianças, especialmente em contextos rurais, deve ser um espaço de empoderamento, no qual as crianças não apenas sejam ouvidas, mas também reconhecidas como produtoras de conhecimento. O estudo também enfatiza a importância de políticas públicas que reconheçam as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas na criação de um sistema educacional mais democrático e inclusivo, principalmente nas escolas rurais, frequentemente carentes de recursos e atenção.

Por fim, este trabalho destaca a relevância de metodologias que incluem as vozes das crianças, especialmente em um país como o Brasil, onde as desigualdades sociais e as vulnerabilidades das crianças precisam ser reconhecidas e respeitadas, para que se construa uma educação que, de fato, valorize as diversidades e promova a equidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Carlos Souza. Haveria uma antropologia infantil na modernidade? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 36, n. 22, p. 74-113, set/dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3968>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BARBOSA, Márcia Gizella Nunes. **As percepções de uma escola da roça: narrativas de crianças**. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação (RC), Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (RC), Goiás: Catalão, 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 24 set. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 24 set. 2025.

CARVALHO, Natalina Assis de. **Narrativas infantis em escolas rurais:** aprendizagens e espaços da formação. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

CHRISTENSEN, Pia Haudrup. Children's participation in ethnographic research: issues of power and representation. **Children & Society**, v. 18, n. 2, p. 165–176, 2004. DOI: 10.1002/chi.823.

COELHO, Patrícia Júlia Souza. **Narrativas de crianças da Educação Infantil de escola rural multisseriada do Território do Sisal – BA.** 2019. 33 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

COELHO, Patrícia Júlia Souza; SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas de crianças sobre a escola rural: experiências e aprendizagens. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; LANI-BAYLE, Martine; FURLANETTO, Ecleide Cunico; ROCHA, Simone Maria da. (org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação:** infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 219-240.

DE CONTI, Luciane. Narrativas de crianças sobre suas experiências na escola. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; LANI-BAYLE, Martine; FURLANETTO, Ecleide Cunico; ROCHA, Simone Maria da. (org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação:** infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 697–712.

FURLANETTO, Ecleide Cunico; PASSEGGI, Maria da Conceição; BIASOLI, Karina Alves. **Infâncias, crianças e narrativas da escola.** Curitiba: CRV, 2020.

KOMULAINEN, Sari. The ambiguity of the child's 'voice' in social research. **Childhood**, v. 14, n. 1, p. 11–28, 2007. DOI: 10.1177/0907568207068561.

KRAMER, Sonia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/ou fundamental. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 set. 2025.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41–59, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/7fMdCFvBMjVLVv5y7dW5gP/?lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide Cunico; DE CONTI, Luciane; CHAVES, Iduina Edite Mont'Alverne Braun; GOMES, Marineide de Oliveira; GABRIEL, Gilvete Lima; ROCHA, Simone Maria da. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Revista Educação**, UFSM, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/11345>. Acesso em: 05 ago. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide; DE CONTI, Luciane; CHAVES, Iduina; GOMES, Marineide; GABRIEL, Gilvete; ROCHA, Simone Maria da. Desafios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica com crianças. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; LANI-BAYLE, Martine; FURLANETTO, Ecleide Cunico; ROCHA, Simone Maria da. (org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação:** infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 45-72.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formativo. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 45, p. 93–117, 2021. Disponível em:  
[https://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000100093](https://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000100093). Acesso em: 24 set. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>. Acesso em: 05 ago. 2022.

RODRIGUES, Érica Renata Clemente; SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas de vida-formação-profissão em sala de aula multisseriada. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Rev. Pemo**, v. 6, p. e14261, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e14261. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14261>. Acesso em: 24 set. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003, p. 32-45.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de aluno e de criança. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], 2011, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em:  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36733>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361–378, 2005. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

SPYROU, Spyros. The limits of children's voices: from authenticity to critical, reflexive representation. **Childhood**, v. 18, n. 2, p. 151–165, 2011. DOI: 10.1177/0907568210387834.

**Recebido em:** Agosto/2025.

**Aprovado em:** Outubro/2025.